

**Carvalho EA. *Virado do avesso*. São Paulo: Selecta Editorial, 2005 136p.**

Eduardo Costa  
Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz

Desde o título, Edgard Carvalho nos informa o destino da jornada. Em decorrência de um atropelamento muito traumático, ocorrido um ano antes, o antropólogo, sociólogo, pensador da complexidade nos presenteia com sua mais visceral manifestação, em que anos de docência, tradução de obras muito significativas, pesquisas e publicações serviram de fundo para a expressão do homem Edgard, em sua fragilidade e força. Nutrido pelas mais expressivas reflexões contemporâneas, em especial aquelas nas obras de Oliver Sacks e Michel Serres, Edgard discorre sobre as experiências deste corpo-objeto-de-cuidados e do corpo-sujeito que vai se reapropriando.

Seu teor não toca apenas o âmago de um ser que sofre, mas as entranhas do sistema de saúde e seus executores, desvelando as feridas presentes na estrutura que se pretende asseguradora de estabilidade e bem-estar.

O paradigma simplificador encontra seu mais caro reduto nas instâncias médicas, norteadas pelos dogmas cartesianos, e percebemos nas palavras do autor os efeitos destas concepções na abordagem de seu corpo esfecelado.

Assistimos às ações e reações diante do acaso, transformador do sujeito em objeto, do *homo erectus*, que perde seu *status* de líder para tornar-se um mero comandado: “um resquício de *sapiens sapiens-demens*, de quem foram retiradas a sabedoria e a loucura” (p. 25).

Podemos avançar um pouco mais nesta compreensão de como o adoecer, a perda da unidade psicossomática, é complexa em suas conseqüências, assim como em suas causas, construindo um olhar

**Heimann LS, Ibanhes LC & Barboza R, organizadores. *O público e o privado na saúde*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005, 242p.**

Cecília Paiva Neto Cavalcanti  
Escola de Serviço Social, UFRJ

A construção do Sistema Único de Saúde conduzida pelo movimento da Reforma Sanitária visava romper com o modelo até então vigente de atenção à saúde médico-assistencial de caráter curativo, discriminatório, subordinado à lógica mercantilista e que privilegiava o produtor privado em detrimento da rede própria. Quase dezesseis anos após a promulgação das leis 8.080 e 8.142 que viriam a constituir, ordenar e organizar o SUS, o quadro da saúde no Brasil não é muito diferente daquele que o movimento buscava superar.

A rendição aos preceitos neoliberais na década de 1990 levou à adoção de um projeto nacional em

mais “poliocular”, como diria Edgar Morin (um dos principais autores traduzidos por Carvalho e seu amigo pessoal), e onde conseguimos perceber, com mais nitidez, as múltiplas faces do processo de adoecimento e cura, em que as interações e retro-interações entre equipe de saúde, paciente, familiares e amigos, constituem a rede conformadora de cura ou de padecimento e morte.

Uma obra como esta possui grande relevância no âmbito da saúde coletiva, em dupla função: denuncia a complexidade e a pluralidade do fenômeno saúde/doença e explicita as representações subjetivas do paciente sobre a rede profissional e as políticas públicas, em seus desfechos e eficácia.

Sublinha movimentos não tão recentes – o que demonstra as dificuldades de transformação desta realidade – de humanização e revisão da relação dos profissionais de saúde com seus pacientes, identificando, reiteradamente, os benefícios de re-incluir fatores extirpados da lógica positivista, como o lugar do afeto e do desejo nos processos de recuperação e cura.

A despeito do retrato cruel que nos apresenta, no qual explicita, com clareza ofuscante, a intrincada trama dos vínculos financeiros que determinam os limites da reparação para cada indivíduo, Edgard demonstra, nas passagens em que narra sua lenta recuperação, o que está para além das condutas objetivas e objetivizantes, no resgate do pertencimento e da confiança.

Edgar Carvalho mergulha fundo, como na metáfora de Serres, utilizando o princípio de Arquimedes, onde *qualquer corpo verdadeiramente submerso na vida autêntica abre-se para a descoberta de si mesmo, aparelha-se para o sobrevôo do possível e do impossível, do necessário e do contingente, do contexto e do intertexto* (p. 111).

E renovado e abastecido por uma ida às profundezas de si mesmo, encerra a narrativa de seu périplo, confessando: “valeu a pena!” (p. 132).

que a estabilidade monetária e a competitividade externa tornam-se prioritárias e passam a ser perseguidas através da política econômica recessiva e inibidora do crescimento econômico, que se orienta pela manutenção de superávits fiscais comprometidos com os credores da dívida pública, em detrimento do financiamento das políticas sociais. Do ponto de vista político e ideológico é o tema da reforma do Estado que passa a dar a tônica ao processo de equilíbrio fiscal.

Nesse contexto de contenção do gasto público e de reestruturação do Estado, a implantação do SUS passa a ser comprometida por uma orientação divergente que então evoca o mercado como o canal natural de satisfação das necessidades sociais. Com a universalidade restringida pela falta de investimentos que compatibilizassem a oferta com o aumento substancial da demanda, a saúde, tal como ocorre com a educação, e em decorrência da perda da qualidade dos serviços prestados, experimenta um pro-

